

04/05/2018 - 14:52

## Vinci pretende captar até US\$ 150 milhões para investir em transmissão

Por **Juliana Schincariol**

**RIO** - A Vinci Partners fará novas rodadas de captação, de US\$ 100 milhões a US\$ 150 milhões cada, para investir em linhas de transmissão, segundo o diretor de infraestrutura da empresa, José Guilherme Souza. Uma dessas rodadas, para atrair capital estrangeiro, está em andamento.

"Fundos de pensão e fundos soberanos são os típicos investidores. Eles não têm pressa para sair, para fazer o retorno. Por outro lado, querem mais estabilidade. Vão olhar mais o perfil de renda, dividendos, do que o retorno em uma saída excepcional em cinco ou sete anos. É outro perfil de investidor

final que aloca recursos para infraestrutura", afirmou o executivo.

AdChoices  
PUBLICIDADE[inRead invented by Teads](#)

Os valores obtidos nas novas rodadas irão se somar aos R\$ 350 milhões já disponíveis pela gestora para o segmento de transmissão. Parte desse montante foi comprometido na semana passada, quando a Vinci assinou a aquisição de um segundo projeto de linha de transmissão, de R\$ 110 milhões. Souza não revelou detalhes sobre o negócio. "Destes R\$ 350 milhões, temos metade já investido e metade ainda a investir", disse.

O primeiro projeto de linhas de transmissão foi uma concessão em Sergipe obtida no leilão realizado em abril do ano passado, marcando sua retomada neste segmento. "Estamos nos preparando para o próximo leilão de transmissão, em junho. Em alguns lotes devemos ir sozinhos e, em outros, com parceiros, mas todos debaixo da mesma estratégia de crescer no segmento de transmissão", afirmou o diretor a jornalistas.

O setor de transmissão apresenta o menor risco possível em infraestrutura, na opinião de Souza. O governo alterou as condições dos leilões para aumentar a atratividade dos certames, com mudanças nas taxas de retorno e na matriz de riscos, com objetivo de mitigá-los. "O ambiente se tornou muito propício para a atração de investimentos", disse, citando o aumento dos deságios nas disputas no ano passado.

A empresa se concentra em lotes de médio porte e que exigem alguma complexidade na sua execução, algo em que possui experiência. "O chinês está ativo e tem como alvo lotes muito grandes: linhões, linhas de corrente contínua, esse é o filé mignon para eles. Quando a coisa vem para o médio porte, a competição que enfrentamos é com players tradicionais do setor, como Taesa, Transmissão Paulista e outros fundos de investimentos", disse. Em caso de lotes pequenos, a competição se dá com empresas de menor porte, que têm como foco outro tipo de rentabilidade.

A gestora tem R\$ 2 bilhões investidos no setor de infraestrutura como um todo e o objetivo é dobrar este número em três anos. Setores como aeroportos, geração de energia, água e saneamento, experiência adquirida quando estava no controle da Equatorial Energia, estão no foco da Vinci Partners -- assim como a privatização das distribuidoras de energia da Eletrobras.

No caso dos aeroportos, a forma como irá participar dos próximos leilões - se individualmente ou por meio de consórcios -- ainda não foi definida, e vai depender de fatores como as outorgas, por exemplo. "A partir daí, vamos entender o tipo de retorno que poderemos ter em cada um deles", disse. A gestora chegou a participar do leilão do ano passado pelo aeroporto de Porto Alegre, em parceria com a Zurich, mas não chegou a fazer uma proposta.

Em água e saneamento, Souza lembra que o Brasil tem apenas 6% de participantes privados e uma carência grande de investimentos e gestão de companhias e ativos. "Temos analisado empresas que eventualmente podemos investir. Buscamos uma plataforma nesse setor. Idealmente, uma companhia já presente no segmento, com concessões e alguma massa crítica, mas também ineficiências, para que possamos extrair alguma coisa dali", afirmou.

O investimento no setor deveria surgir a partir da privatização das empresas estaduais, na visão do executivo. O projeto vinha sendo capitaneado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), mas não avançou, segundo ele, provavelmente por causa período eleitoral. "Algumas empresas estariam praticamente a ponto de vir com o edital para a rua, mas o calendário eleitoral atrapalhou."